

OMELHOR LUGAR PARA SE VIVER

FABÍOLA GÓIS E ANA MARIA CAMPOS

DA EQUIPE DO CORREIO

Viver numa das mais novas cidades planejadas do país, patrimônio da humanidade, é um privilégio do qual os brasilienses têm razão de se orgulhar. Apontado como a unidade da Federação com melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em estudo feito no ano passado pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Distrito Federal continua colecionando bons indicadores de qualidade de vida. Pesquisa Síntese de Indicadores Sociais 2003, divulgada na semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que o DF tem o menor índice de crianças e adolescentes trabalhando, uma das menores taxas de

analfabetismo entre os brasilienses maiores de 15 anos e quase todas as residências com água encanada e saneamento adequado. O número de computadores por domicílio e com conexão à internet é o maior do país (leia quadro abaixo). E a quantidade de mulheres de 20 a 24 anos com mais tempo de estudo está acima da média nacional. No DF, elas passam 9,3 anos em sala de aula, enquanto no Brasil a média é de 8,2 anos. Especialistas explicam por que morar em Brasília é sinônimo de viver bem. E os moradores contam como é viver na capital da boa vida.

NÚMEROS DA BOA VIDA

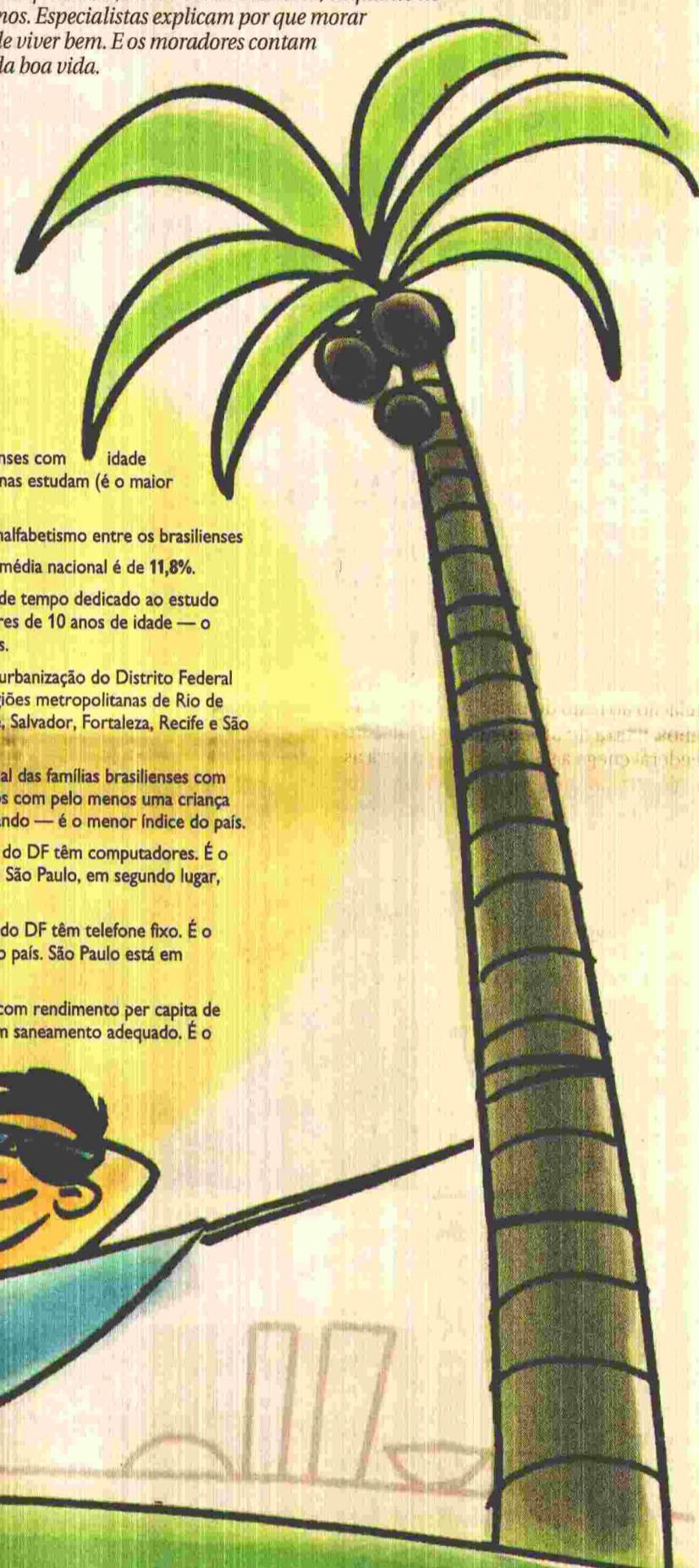
Com bons indicadores de saneamento, educação, renda e habitação, o Distrito Federal é o melhor lugar para se viver entre todas as unidades da Federação



- **3,6** é a média de moradores em cada domicílio no DF
- **74,3%** dos 574.341 domicílios brasilienses são casas e 23,2% apartamentos (o restante é cômodo).
- **61%** dos imóveis são próprios e 26% alugados
- **92,4%** dos domicílios têm água encanada, 87% estão ligados à rede de esgoto e 90% têm coleta de lixo diário
- **17,5%** é a taxa de mortalidade entre menores de 1 ano de vida no DF em cada grupo de mil nascidos. A taxa no Brasil é de 27,8%.
- **2.056.572** habitantes estão na zona urbana (95,36% do total)
- **50,2%** dos brasilienses trabalham. Os homens continuam maioria no mercado de trabalho (54,54% do total da população economicamente ativa).
- **R\$ 1,3 mil** é o rendimento mensal médio dos trabalhadores candangos — é a maior renda brasileira
- **R\$ 262** é o rendimento médio mensal das famílias mais pobres do DF. **R\$ 5.452,24** é das famílias mais ricas.
- **23,3%** dos brasilienses têm média mensal familiar superior a cinco salários mínimos

- **77,9%** dos brasilienses com idade entre 15 e 17 anos apenas estudam (é o maior índice do país)
- **5,7%** é a taxa de analfabetismo entre os brasilienses maiores de 15 anos. A média nacional é de 11,8%.
- **8,2** anos é a média de tempo dedicado ao estudo pelos brasilienses maiores de 10 anos de idade — o índice é o maior do país.
- **95,4%** é a taxa de urbanização do Distrito Federal — só perde para as regiões metropolitanas de Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife e São Paulo.
- **5,3%** é o percentual das famílias brasilienses com membros de 5 a 17 anos com pelo menos uma criança ou adolescente trabalhando — é o menor índice do país.
- **29,3** dos domicílios do DF têm computadores. É o mais alto índice do país. São Paulo, em segundo lugar, tem 27,8.
- **74,1** dos domicílios do DF têm telefone fixo. É o segundo maior índice do país. São Paulo está em primeiro, com 77,4%.
- **77,8%** das famílias com rendimento per capita de meio salário mínimo tem saneamento adequado. É o melhor índice do país.

Fonte: IBGE
Arte: Joelson Miranda



INDICADORES ACIMA DA MÉDIA

O bom desempenho do Distrito Federal em três principais áreas garante a colocação da capital do país entre as primeiras no ranking da qualidade de vida. Educação, moradia e saneamento básico atestam que os moradores do DF vivem bem em comparação com as maiores cidades brasileiras, conforme pesquisa do IBGE.

A taxa de analfabetismo dos moradores da capital se destaca, com 5,7%. A média brasileira é de 11,8% e a do Centro-

Oeste é de 9,6%. Programas do governo e iniciativas isoladas contribuem para a alta escolaridade. A média de tempo dedicado ao estudo pelos brasilienses maiores de dez anos é de 8,2 anos, o maior índice nacional.

Francisco Gonçalves de Souza, 38 anos, auxiliar de limpeza de uma empresa terceirizada da Câmara dos Deputados, aprendeu a ler e escrever há apenas três. Ele participa de um programa de incentivo ao alfabetismo e cursa

a 4ª série primária. "Vim do Ceará em 1983. Não tive como estudar porque tinha que trabalhar para ajudar meu pai a cuidar dos meus 11 irmãos", conta.

O cearense diz que sentia vergonha em saber apenas assinar o nome — e muito mal, segundo ele. Francisco relembra os anos em que se sentia inferior. "Ficava com medo até de tirar documentos. Hoje já tenho carteira de motorista", comenta.

A pesquisa do IBGE mostra que o DF tem um dos menores índices de mortalidade infantil do país, 17,5%. E os números estão diretamente ligados ao tempo em que a mulher se dedica ao estudo. O tempo médio que a mãe brasiliense de 20 a 24 anos leva na escola é de 9,3 anos. A média no Brasil nessa faixa etária é de 8,2 anos. "A mãe que estuda tem mais atenção à saúde do filho. Ela deixa de fumar, faz acompanhamento pré-natal e

tem consciência dos cuidados que deve ter com os filhos", analisa o chefe da Unidade do IBGE no DF, Walker Roberto Moura. O ideal, segundo ele, é que ela tenha pelo menos a 8ª série.

O saneamento básico também contribui para o baixo índice de mortalidade infantil. No DF, 92,4% dos domicílios têm água encanada, 87,3% estão ligados à rede de esgoto e 90% têm coleta de lixo diário. Ser uma cidade planejada ajuda Brasília a se destacar. "A ocupação desordenada prejudicou os serviços, mas a capital ainda tem um dos índices de atendimentos mais altos do país", comentou o professor Oscar Cordeiro Netto, do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade de Brasília (UnB).

O especialista explica que os investimentos nos últimos anos e a continuidade dos projetos da Companhia de

Abastecimento de Brasília (Caesb) são relevantes. Cordeiro Netto afirma que a Caesb é considerada uma das melhores empresas de saneamento do país.

Para especialistas, os bons indicadores de saneamento e educação compensam em parte o desemprego e a violência. O DF está em segundo lugar no ranking das unidades da Federação com maior número de pessoas desocupadas: 14,1% da população economicamente ativa. E é a quarta unidade com o maior número de jovens mortos por arma de fogo, por exemplo. "Só não é melhor pelos altos índices de desemprego e violência. Mas isso não tira o mérito de que aqui temos uma boa qualidade de vida", comenta o sociólogo Antônio Flávio Testa, professor da Universidade de Brasília (UnB) e da Fundação Getúlio Vargas.